

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 22/02/2020.

DOUTORADO EM GEOGRAFIA

Rafael Henrique Teixeira da Silva



**PATRIMÔNIO E POÉTICA EM SÃO CRISTÓVÃO (SE):
ENTRE A RAZÃO E A IMAGINAÇÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia

RAFAEL HENRIQUE TEIXEIRA DA SILVA

**PATRIMÔNIO E POÉTICA EM SÃO CRISTÓVÃO (SE):
ENTRE A RAZÃO E A IMAGINAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Rio Claro-SP
2018

910.13 Teixeira da Silva, Rafael Henrique
T266p Patrimônio e poética em São Cristóvão (SE) : entre a razão
e a imaginação / Rafael Henrique Teixeira da Silva. - Rio
Claro, 2018

199 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Geografia urbana. 2. Patrimônio. 3. Poética. 4. Itinerário
geográfico. 5. São Cristóvão. I. Título.

DOUTORADO

RAFAEL HENRIQUE TEIXEIRA DA SILVA

**PATRIMÔNIO E POÉTICA EM SÃO CRISTÓVÃO
(SE): ENTRE A RAZÃO E A IMAGINAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Bernadete A. Caprioglio de Castro
IGCE/UNESP, Rio Claro - SP

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira Godoy
IGCE/UNESP, Rio Claro - SP

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.
FCA/UNICAMP, Limeira - SP

Prof. Dr. Julio César Suzuki
FFLHC/USP, São Paulo - SP

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira
Centro de Ciências/UFC, Fortaleza - CE

Resultado: Aprovado

Rio Claro, SP, 22 de Fevereiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

À Camila Benatti, companheira da vida acadêmica e pessoal. Seu apoio e candura foram essenciais para a existência deste trabalho. Sem você, todos esses anos de estudos não teriam o mesmo sentido.

À minha família, em especial à Elisabete Russo Greilberger, figura materna sempre presente. Graças à sua proteção, ao afago de suas mãos e à doçura de suas palavras, tive forças para trilhar caminhos sinuosos e alcançar êxito.

À minha avó, Elisabeth Gonçalves Machado, minha primeira mentora. Seus valiosos ensinamentos ultrapassaram o meio universitário, foram lições para essa e outras vidas.

A minhas irmãs, Regina e Alessandra Greilberger, pelo amor e presença constante em minha vida.

Aos meus tios e tias: Mário, Josi, Marcos, Daniela, Andrea e Marcelo, pelo apoio incondicional.

À minha orientadora, Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, mestra da sabedoria e engrandecedora de miudezas. Sem seu suporte, confiança e liberdade de pensamento, não seria possível realizar este trabalho.

Aos mentores e mestres que ao longo de todos esses anos contribuíram muito para minha formação: Leandro Brusadin, Eduardo Brito Henriques e Herculano Cachinho.

Ao Professor Horacio Capel, pela enorme receptividade desde o primeiro contato e pelo nível de cobrança extremamente elevado que me levou a superações.

Aos professores, que pela sua dedicação e ensinamentos ficaram marcados em minha trajetória: Everaldo Costa, Paulo Godoy, Eduardo Marandola, Maria Augusta Mundim Vargas e Christian Dennys de Oliveira.

Aos amigos da Pós-Graduação Cristina de Moraes, Tiago Cavalcante, Raiane Florentino e Eder Varussa, pelas conversas, paciência e companheirismo que foram essenciais ao longo desses quatro anos.

Aos amigos de Barcelona, Silvio e Priscila, Magno Jr. e Eva, que conseguiram transformar uma experiência acadêmica em meses formidáveis.

Às instituições que frequentei, pela qualidade do ensino e pela ótima formação proporcionada: UFOP, IGOT (Universidade de Lisboa), UNESP e Universidade de Barcelona.

Ao Thiago Fragata, poeta maior de São Cristóvão. Abriu-me as portas da cidade e pavimentou os caminhos que me possibilitaram ter acesso a pessoas, textos, documentos e, principalmente, a alma sancristovense.

À Marcia Arevalo, amiga de longa data que me apresentou São Cristóvão. Serei eternamente grato pelas várias conversas sobre o patrimônio e a recepção bondosa em sua casa.

Às pessoas de São Cristóvão que de alguma forma participaram e foram essenciais para a elaboração dessa Tese de doutorado: Aglaé Fontes, Alda Cruz, Anair Reis, Erundino Prado, Danielle Pereira, Gladston Barroso, Henrique Braga, Junior Macário, Júlio Andrade, Kleckstane Farias, Luanda Andrade, Maria Lourdes Silva, Nivaldo Oliveira, Passinho, Seu Jorge e Sócrates Prado (*In memoriam*).

À CAPES e ao CNPQ, pelo suporte financeiro que possibilitou o desenvolvimento profissional e a elaboração da Tese.

Como acreditar, com efeito, que se tem a vida, toda a vida, a vida em profundidade, num acontecimento passageiro, na intensidade relativa de uma escolha psíquica excepcional. O *vivido* conserva a marca do efêmero se não puder ser *revivido*. E como não incorporar ao *vivido* a maior das indisciplinas que é o *vivido imaginado*? O *vivido* humano, a realidade do ser humano, é um fator do ser imaginário. Teremos que provar que uma poética da vida vive a vida revivendo-a, aumentando-a, separando-a da natureza [...] passando do valor para mim ao valor para as almas congêneres, aptas à valorização pelo poético.

Gaston Bachelard

RESUMO

No presente trabalho perguntaremos pelo originário do patrimônio, ou seja, sua essência. Buscamos, com isso, jogar luz sobre essa palavra de modo a transpassar a superfície e atingir as profundezas do seu ser. Essa escavação transcorre numa localidade específica, a cidade de São Cristóvão – Sergipe, por meio da realização de itinerários geográficos. Numa geografia em ato, os itinerários geográficos foram entendidos como a indicação de um percurso a seguir e o respectivo esboço das experiências reais e imaginadas, pessoais e coletivas, que compreenderam os trajetos propostos. Tal diligência foi possível através da utilização de uma linguagem poética, subjetiva, profunda. Linguagem que adentra o texto em momentos específicos em que o movimento é realizado rumo ao aprofundamento, em vez da objetivação. Se não podemos afirmar categoricamente que alcançamos a essência do patrimônio, podemos dizer que ela encontra-se velada entre a vontade e a imaginação. Assim, o patrimônio de São Cristóvão revelou-se como uma necessidade do sancristovense em criar, em ultrapassar-se. Patrimônios que transbordam para o mundo enquanto afirmações da existência e da capacidade criadora. Se o patrimônio realmente possui valores excepcionais universais, para verdadeiramente compreendê-lo, precisamos agregar o extraordinário ao excepcional. Por isso, caminhamos no limite entre a sensação e o devaneio, reunindo a beleza da vida sancristovense traduzida em cores, sons e palavras.

Palavras-chave: Patrimônio; Poética; Itinerário Geográfico; São Cristóvão.

ABSTRACT

In the present work we will ask for the origins of heritage, that is, its essence. We seek to shed light on this word in order to pierce the surface and reach the depth of its beings. This excavation takes place in a specific locality, the city of São Cristóvão-Sergipe, through the accomplishment of geographical itineraries. In a geography as an act, the geographical itineraries were understood as the indication of a rote to be followed and the respective sketch of the real and imagined, personal and collective, experiences that embrace the paths proposed. Such diligence was possible through the use of a poetic, subjective, profound language. A form of language that enters the text in specific moments, in which, the movement is made towards the deepening instead of the objectification. If we cannot state categorically that we attained the essence of heritage, at least we can say that it is veiled between will and imagination. Thus, the heritage of São Cristóvão was revealed as a necessity of creation, of overcoming. Heritage that overflows to the world as an affirmation of existence and creative capacity. If heritage truly possesses universal exceptional values, in order truly understand it, we must add the extraordinary to the exceptional. Therefore, we walk in the limit between sensation and *reverie*, bringing together the beauty of local resident's life translated in colors, sounds and words.

Keywords: Heritage; Poetic; Geographical itinerary; São Cristóvão.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- CEHOP** – Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas
- COHAB** – Companhia de Habitação Popular de Sergipe
- FASC** – Festival de Arte de São Cristóvão
- FUNDACT** – Fundação Municipal de Cultura e Turismo João Bebe-Água
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICOMOS** – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PIB** – Produto Interno Bruto
- SPHAN** – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- SAHUDE** – Sociedade para o Avanço Humano e Desenvolvimento Ecosófico
- SUBPAC** – Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico Cultural
- UMESC** – União Municipal de Estudantes de São Cristóvão
- UFBA** – Universidade Federal da Bahia
- UFS** – Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE GÁFICOS

Gráfico 01 – Evolução Populacional de São Cristóvão (1950-2015)	84
Gráfico 02 – Estado de Conservação da Praça São Francisco: Edifícios Públicos e Religiosos (2009).	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Tipologias das Formas Urbanas nas Colônias da Espanha.	58
Quadro 02 – Evolução do número de engenhos na capitania de Sergipe	73
Quadro 03 – Bens Tombados Pelo IPHAN em São Cristóvão	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização do Município de São Cristóvão-Sergipe	4
Figura 02 – Vista aérea de São Cristóvão-Sergipe	6
Figura 03 – Imagens do Parque Natural de <i>Landes de Gascogne</i>	22
Figura 04 – Muro de pedra seca na Escócia.	29
Figura 05 – Mudanças na localização de São Cristóvão-SE	43
Figura 06 – Área de Proteção da Praça São Francisco em São Cristóvão/Sergipe ..	53
Figura 07 – Tipologia das malhas urbanas coloniais das cidades Ibero-americanas.	57
Figura 08 – Povoação de São Cristóvão, Capitania de Sergipe (1631)	64
Figura 09 – Forte Holandês localizado na divisa entre Alagoas-Sergipe (1631).....	65
Figura 10 – Reconstrução da torre do Convento e Igreja de São Francisco	74
Figura 11 – Campanha em Prol da Candidatura da Praça São Francisco a Patrimônio Mundial	89
Figura 12 – Itinerário 1 - Aracaju a São Cristóvão	99
Figura 13 – Cristo na entrada de São Cristóvão.....	100
Figura 14 – Itinerário 2 - Afetividade e interioridade	102
Figura 15 – Antiga Fábrica São Cristóvão, atual Intergriffe's	103
Figura 16 – Imagens do Mercado Municipal Lauro Rocha de Andrade	107
Figura 17 – Ladeira Epaminondas / Ladeira da Poesia.	110
Figura 18 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória.....	112
Figura 19 – Casa da Queijada	113
Figura 20 – Casarão de Balcão Corrido - Espaço Cultural.	114
Figura 21 – Fotocopiadora de Seu Irênio.	116
Figura 22 – Vesta Viana e alguns de seus quadros.	117
Figura 23 – Vista panorâmica da Praça São Francisco.	118
Figura 24 – Casa do Folclore e Biblioteca Municipal.	120
Figura 25 – Caceteira do Mestre Rindu.	121
Figura 26 – Residência de Seu Jorge do Estandarte.	123
Figura 27 – Igreja do Rosário dos Homens Pretos	124
Figura 28 – Itinerário 3 - Resistência e abertura.	126
Figura 29 – Nascimento da obra de Gal.	127
Figura 30 – Intervenção artística ao lado do Museu de Arte Sacra.	129

Figura 31 – Erosão em São Cristóvão.	131
Figura 32 – Vista do Apicum-Merém.	132
Figura 33 – À esquerda: Mangaba; À direita: Umbu.	133
Figura 34 – Luteria de Passinho.	135
Figura 35 – Oficina Filhos da Maré.	137
Figura 36 – Porto da Banca às margens do rio Paramopama.	138
Figura 37 – Esculturas em madeira de Thiago Fragata.	142
Figura 38 – Itinerário 4 - Limites e conexões.	144
Figura 39 – Estação Ferroviária de São Cristóvão.	146
Figura 40 – Terminal de Integração Prefeito Gileno Barreto.	147
Figura 41 – Apresentação da The Baggios na Praça São Francisco.	150
Figura 42 – Ateliê de Nivaldo de Oliveira.	153
Figura 43 – Intervenção artística de Nivaldo Oliveira.	153
Figura 44 – Nivaldo Oliveira em processo de produção da xilogravura.	155
Figura 45 – Escultura feita a partir de material reciclado.	157
Figura 46 – Multidões na obra de Nivaldo de Oliveira.	158
Figura 47 – Festa de Nosso Senhor dos Passos.	160
Figura 48 – Rio Vaza-Barris.	162
Figura 49 – Ilha Grande - São Cristóvão.	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. GEOGRAFIA E PATRIMÔNIO	14
1.1 <i>PATRIMOINE</i> E AS SUBMERSÕES FRANCÓFONAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	16
1.2 <i>CULTURAL HERITAGE</i> NAS PROFUNDEZAS DO PENSAMENTO ANGLO-SAXÃO	22
1.3 PREÂMBULO PARA UMA GEOGRAFIA DO PATRIMÔNIO: UM MERGULHO EM ÁGUAS PROFUNDAS	30
2. A CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO-SE: DE CAPITANIA A PATRIMÔNIO MUNDIAL	38
2.1 FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS: SERGIPE DEL-REI.....	39
2.2 UNIÃO IBÉRICA E SUAS CONSEQUÊNCIAS	44
2.3 INVASÃO E DOMÍNIO HOLANDÊS NA CAPITANIA DE SERGIPE	62
2.4 RETOMADA E RECONSTRUÇÃO DE SÃO CRISTÓVÃO: AS BASES DA CAPITAL DA PROVÍNCIA	68
2.5 A CIDADE DIVIDIDA: MUDANÇA DA CAPITAL E A CHEGADA DAS FÁBRICAS DE TECIDO E DA VIA FÉRREA	75
2.6 RÉQUIEM OU RESSURGIMENTO: A INSCRIÇÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL E DA HUMANIDADE	79
3. POR UMA POÉTICA DO PATRIMÔNIO	92
3.1 ONDE NÃO PUDERES AMAR NÃO TE DEMORES... SÃO CRISTÓVÃO, CIDADE POESIA	97

3.2 DESBRAVANDO UM MUNDO... SÃO CRISTÓVÃO E OS DEVANEIOS DA VONTADE.....	124
.3 DINAMICIDADE DO ARREBOL... SÃO CRISTÓVÃO ENTRE-MEIOS	143
ONTOLOGIA POÉTICA DO PATRIMÔNIO	165
REFERÊNCIAS.....	171

INTRODUÇÃO

As primeiras palavras, os primeiros parágrafos de qualquer texto demonstram-se um trabalho extremamente delicado e circunspeto. Seu caráter indelével não deixa transparecer ideias, conceitos, perspectivas, que por incontáveis vezes foram retificadas. Tantas vezes, que já perdemos a conta. O leitor anseia por uma redação precisa, clara, sem rodeios e, de preferência, que lhe pareça associada aos seus próprios questionamentos.

Para que um ensaio complete seu sentido, ele deve ser entendido como um diálogo, como a construção de um caminho. Tenhamos consciência de que o caminho aqui trilhado não é o único que poderia ser percorrido, mas é o caminho pelo qual conseguimos levantar questões essenciais e buscar indícios para suas respostas. Assim, o leitor tem de se deixar levar por essas questões e estar disposto a uma abertura que presume, desde o início, um diálogo consigo mesmo. Aos cientistas, pedimos licença para desviar de uma ciência positiva e de seus desejos de objetividade. Aos filósofos, solicitamos que se desfaçam do anseio pelo ponto de vista fixo e absoluto.

Se todo perguntar é um buscar, **perguntaremos na Tese pelo originário do patrimônio, sua essência.** Trata-se, então, de jogar luz a essa palavra de modo a transpassar a superfície e atingir as profundezas do seu ser. O que buscamos no perguntar pela essência do patrimônio não é totalmente desconhecido, ainda que seja, neste momento, inacessível. Nesse sentido, devemos escavar pelo originário do patrimônio, e não pelo seu começo¹, nossa diligência é por suas fontes propulsoras, por sua verdade atemporal, não por seu princípio histórico.

Tal busca ocorreu em dois momentos que resultaram na união de duas pontas do conhecimento. Entre a informação precisa e a apreciação poética. O primeiro baseado na Geografia, na História, na Arquitetura, nas ciências rígidas e disciplinas acadêmicas. E o segundo, fundado na imaginação e na experiência propulsoras de subjetividades e intimidades não acessíveis pelo conhecimento científico. Uma leitura do patrimônio pela via onírica, propiciada pela escrita poética, que visou fazer o leitor experimentar, presenciar, tocar os encantos do patrimônio.

Entende-se que já existem inúmeros trabalhos que tratam das propriedades, funções, da estrutura e organização do patrimônio. Assim sendo, buscamos pela

¹ JASPERS, Karl. **Introducción a la Filosofía.** Trad. Miguel Turón Stein. Barcelona: Círculo de Lectores, 1989.

poética patrimonial embebida em lugares, paisagens e territórios por nós atravessados. Nos dias correntes, as vias predominantes de resguardo do patrimônio residem no tombamento e no registro. Acredita-se que esses meios prezam por uma imobilidade que vai contra a própria criação e existência do patrimônio. Pois, no momento de sua concepção, o patrimônio é fonte da imaginação criadora, imaginação que exige uma vontade de transformar. Para existir, o patrimônio precisa vibrar², necessita da espontaneidade da mutação, da transformação, do aprendizado³.

Por meio da institucionalização seu caráter dinâmico é obscurecido, suplantado. As entidades encarregadas do patrimônio valorizam o aspecto contemporâneo deste, apregoando que se mantenha perpetuamente o mesmo estado que se encontrava no momento de sua chancela. Em meio a essas descobertas surge uma pergunta: se nos dirigimos às origens do patrimônio, como receber o ímpeto de sua imaginação criadora?

O caminho encontrado para buscar esclarecer essa questão é ambíguo. Se o patrimônio é um antes-de-nós e um depois-de-nós, amamos o passado para nos ligar às memórias do patrimônio e imaginamos excessivamente para delas nos desligar. Desse modo, visamos abordar o patrimônio estático, engessado, que é sustento do espírito, mas, sobretudo, o patrimônio vivo e dinâmico, que é alimento da alma.

Essa escavação transcorre numa localidade específica, a cidade de São Cristóvão, no estado de Sergipe. Na antiga capital buscamos traçar itinerários geográficos que ultrapassam uma descrição profunda dos seus patrimônios. Assim, colocamos em movimento nossa imaginação para irmos além da percepção, libertando nossos devaneios para as possibilidades escondidas nos entremeios dos cinco sentidos.

Como e onde tudo começou – Estado, Sergipe; Cidade, São Cristóvão.

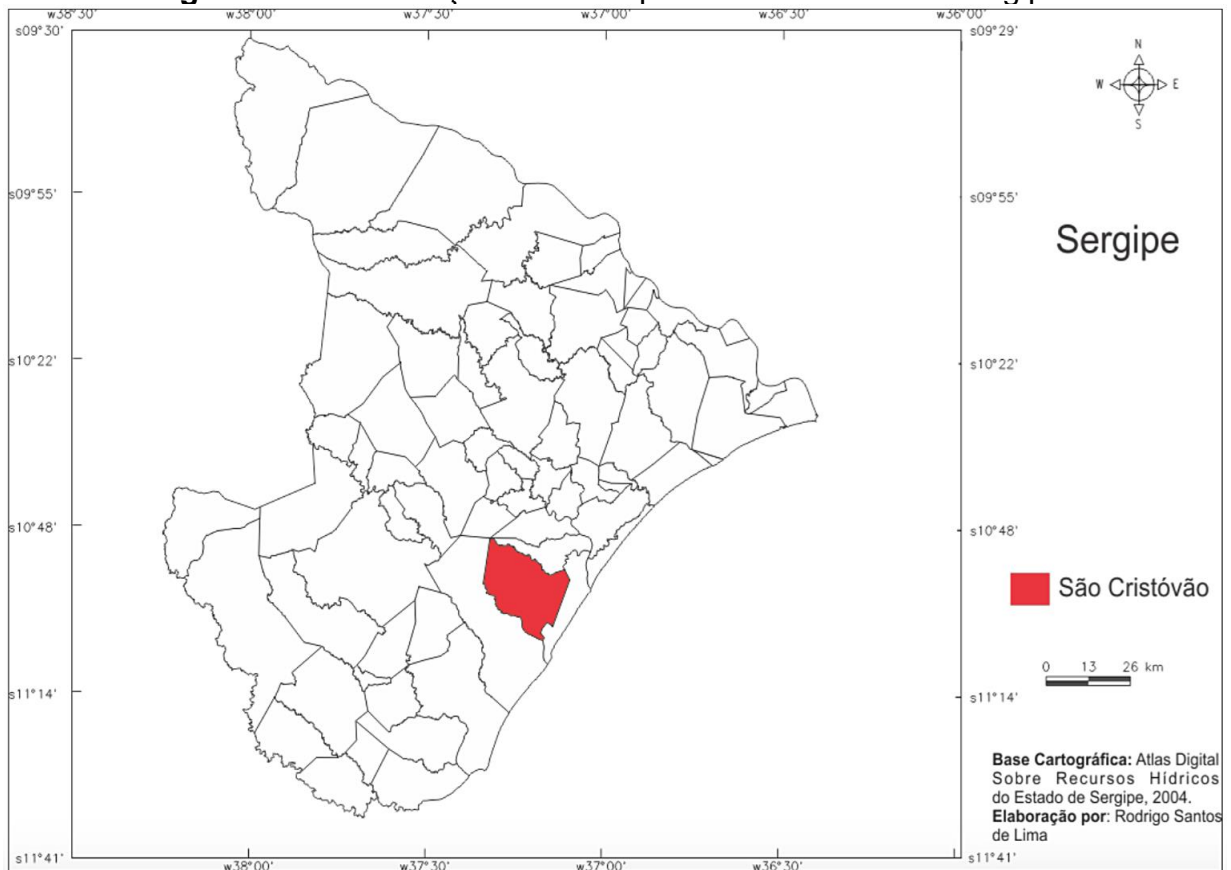
Situado na porção leste do Nordeste brasileiro, o Estado de Sergipe (Figura

² BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática, 1994.

³ MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

01) possui uma área de 22.050 km², limitando-se ao norte com Alagoas, ao sul e oeste com a Bahia e ao leste com o Oceano Atlântico. Ele surgiu para nós, no primeiro momento, como uma oportunidade de realizar o mestrado na UFS⁴, o que não foi concretizado. À época, a preferência ainda era pela Antropologia, o que mudaria ao percorrer os terrenos baixos e as várzeas do litoral de Sergipe. Não chegamos a conhecer as planícies do norte sergipano, nem o planalto semiárido da região noroeste. Eles foram apreendidos somente pela leitura de textos e pelas imagens dos livros.

Figura 01 – Localização do Município de São Cristóvão-Sergipe



Fonte: Atlas Digital sobre os Recursos Hídricos do Estado de Sergipe, 2011.

Foi no ano de 2010, em Aracaju, que fomos envolvidos pelo clima tropical e as altas temperaturas que permanecem praticamente ao longo de todo ano. O despertar geográfico veio por meio da experiência sensível de Sergipe enquanto

⁴ Universidade Federal de Sergipe.

espaço aberto⁵. Se no primeiro encontro entramos em contato com as bacias do Rio Sergipe e do Rio Vaza-barris, não deixamos de sonhar com as composições hidrográficas do Rio Real, do Rio Japarutuba, do Rio Piauí e, principalmente, do Rio São Francisco. Não apenas por ser a bacia hidrográfica mais importante do estado⁶, mas pelos meses que passamos conhecendo todo seu percurso, de Pirapora a Bom Jesus da Lapa, de Xique-Xique a Piaçabuçu.

Numa exposição poética do São Francisco⁷, viajamos pelo seu curso d'água conhecendo histórias de pescadores e caixeiros-viajantes, lendas da Mãe d'água e da Pisadeira, sentindo a preocupação, nos relatos, com a construção de barragens e o processo de salinização que afeta populações próximas ao desague do rio. A exposição foi uma anunciação profética de nosso destino, depois dela Sergipe não sairia mais de nossas vidas.

O menor estado da federação possui uma população pequena, de aproximadamente dois milhões de habitantes, porém riquezas imensuráveis. A predominância da população urbana levou a concentração de metade da população na região metropolitana de Aracaju⁸. Apesar disso, a cidade ainda possui características interioranas, de receptividade, proximidade, consideração.

Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão compõem a região metropolitana, e foi a partir do contato com a última que nosso interesse foi despertado. Localizada próxima da capital, São Cristóvão (Figura 02) é reconhecida por seus monumentos históricos, apesar de seus belíssimos patrimônios transcenderem a tangibilidade.

⁵ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

⁶ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2016. [online]. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br/>, Acesso em: 10 de maio de 2016.

⁷ No primeiro semestre de 2011 o autor trabalhou como monitor na Exposição "Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga: Cultura Popular, Moda e História", que ocorreu no Pavilhão das Culturas Brasileiras (Parque do Ibirapuera – São Paulo/SP).

⁸ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2016. [online]. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br/>, Acesso em: 10 de maio de 2016.

Figura 02 – Vista aérea de São Cristóvão-Sergipe



Fonte: GOVERNO DE SERGIPE, 2006, p. 15.

Elaboração: TEIXEIRA DA SILVA, 2017.

Assentada sobre uma colina 20 km acima da enseada do Rio Vaza-Barris, a antiga capital do estado está situada a 25 km de Aracaju. Atualmente, a cidade conta com uma população estimada de 87 mil habitantes⁹, que não correspondem com a vida pacata vivenciada nos arredores do centro histórico. Entre fragmentos da mata atlântica e manguezais, procuramos conhecer a cidade e seus patrimônios a partir do chão. Algumas leituras foram fundamentais para estabelecer um ponto de partida, mas somente conhecemos suas densidades por meio do contato direto com pessoas, ruas e esquinas.

⁹ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2016. [online]. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br/>, Acesso em: 10 de maio de 2016.

Entre a razão e a imaginação

Escrevemos este trabalho a partir de dois polos supostamente opostos. A adoção de uma única vertente limitaria nossa busca por apreender¹⁰ a essência do patrimônio, por isso não sucumbimos a trajetórias unívocas e metodologias sectárias. A partir de uma dialética bachelardiana, razão e imaginação são aqui apresentadas como opostos contraditoriamente unidos. Seria o nosso trabalho um convite ao contrassenso? Assim como o dia e a noite, nossa perspectiva é antagônica e complementar. Ora realizada sob o signo de um *animus*, ora sob o signo de uma *anima*.

Celebramos, então, a união de duas vertentes supostamente contrastantes: a razão e a imaginação. A primeira está disposta na forma de capítulos e itens que recorrem aos fundamentos geográficos do estudo do patrimônio e à uma análise da configuração territorial de São Cristóvão. Enquanto a segunda é desfrutada, de modo sedutor, na construção de itinerários geográficos e relatos poéticos do patrimônio sancristovense. A riqueza maior reside na segunda, mas sem a primeira seria impossível que ela se manifestasse.

O patrimônio é tanto imaginação quanto razão, assim “[...] como a vida é vida, ainda quando morte”¹¹. Então, como conciliar razão e imaginação em uma Tese de Doutorado? Seria uma forma de se desapegar totalmente da ciência? Afinal, o resultado de nosso trabalho não é a elaboração de uma contribuição textual inédita? Não visa à obtenção de uma titulação? Não se dá por meio de uma perscruta exaustiva? Ora, é claro que não procuramos uma forma de conhecimento que cheire a inseticidas¹², mas apesar das tentativas, talvez não estejamos assim tão distantes dela.

Se os princípios racionais já foram quebrados há tempos pela física quântica e pela teoria da relatividade, também temos de superá-los por meio da atividade

¹⁰ BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹¹ Trecho de “Parolagem da Vida”, poema de Carlos Drummond de Andrade.

¹² BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. [1946] In: QUEIRÓZ, M. I. P. (org). **Roger Bastide**. São Paulo: Ática, 1983.

imaginante¹³. Por isso em alguns momentos nos aproximamos do objetivismo e em outros mergulhamos no subjetivismo. Recorremos à união dos extremos para conquistarmos o direito de sonhar o patrimônio, por meio de uma imaginação que é a força da unidade de nossa alma¹⁴.

Se a palavra patrimônio é prova emergente de uma ambivalência entre racional e imaginário, nosso trabalho não poderá fugir de uma dialética que se estabelece opondo-se¹⁵. Procuramos, assim, construir uma geografia íntima¹⁶ que admita razão e paixão¹⁷, racionalidade e devaneio, no sentido de uma ontologia¹⁸ poética do patrimônio.

Ser poético do patrimônio

Em nosso trabalho, a palavra patrimônio é escrita com “p” minúsculo e não possui adjetivações restritivas. Não é histórico, cultural, material ou imaterial. Os adjetivos serão aqui utilizados com outra finalidade e buscados no próprio patrimônio, tomado por várias tonalidades. Em consonância com o pensamento enfatizado por Gaston Bachelard, visamos utilizar uma linguagem poética que possui maior liberdade sobre as coisas, indo além da razão. O patrimônio vive melhor entre o delírio do verbo e a mobilidade dos adjetivos, elementos de que a escrita positiva

¹³ BACHELARD, Gaston. **A terras e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 4ª ed. São Paulo: Editora Martin Fontes, 2013a.

¹⁴ BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁵ BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Trad. Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa-PT: Edições 70, 2006.

¹⁶ BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013b.

¹⁷ MARANDOLA JR., Eduardo. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 11-21, 2017.

¹⁸ A ontologia é entendida aqui como o acolhimento da existência de uma interrogação do ser que pode ser resolvida de diferentes formas. Ao ser menos comprometida com o passado, a ontologia, diferente da metafísica, revela-se menos ligada a uma única solução do problema do ser (ABBAGNANO, 2012, p. 848).

carece. Buscamos, assim, ao adentrar o reino poético¹⁹, uma revolução geográfica e filosófica.

Não podemos deixar de mencionar a grande influência em nós exercida pela poesia de Manoel de Barros. Da profundidade e riqueza subtraídas de seu linguajar poético, nos desencontramos e reencontramos. Sua poesia (en)levou-nos a desvendar as cifras da sinfonia patrimonial. Pudemos transver²⁰ patrimônios por detrás de pessoas, lugares, paisagens e territórios. Praticados pelo silêncio, alcançamos as vozes do chão, a fala das águas, o mutismo das pedras e as origens do ser²¹.

Em São Cristóvão, perguntamos pelo ser poético da palavra patrimônio. Cinco sílabas e dez letras compõem as fontes de nossos sonhos, numa ambivalência do real e do imaginário. Na antiga capital sergipana sonhamos em grego e em latim: *klironomiá*²², *patrimonium*²³. Para além de sua origem buscamos pelo seu ser poético.

Quando dita em alto e bom som, a palavra “**pa-tri-mô-ni-o**” começa aberta às desventuras do mundo. Na sílaba “**pa**”, ela ganha fôlego e inicia-se aspirando a imensidão. A vogal “**a**” demonstra toda sua delicadeza e um livre-arbítrio cantarolado. Numa só emissão de voz, “**tri**” é o elo que vai articular a palavra com seus opostos. Um local de cruzamentos que faz parte da viagem como um momento do movimento. Ao fechar-se lentamente, o início do retorno a casa se dá na expiração “**mô**”, e, assim, a recuperação de suas forças. A penúltima sílaba, “**ni**”, conserva as virtudes da localidade de origem. Finalmente em “**o**” todas as possibilidades já estão encerradas... até que a palavra seja pronunciada novamente.

O patrimônio é obra da vontade criadora que reside em si mesmo. Enquanto sua compreensão ficar presa a conceitos e definições pré-estabelecidas estaremos sempre um passo atrás de compreender sua essência. Ao devolver seu ser poético

¹⁹ BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Trad. Norma Telles. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990a.

²⁰ BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b.

²¹ BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 128.

²² A palavra patrimônio derivada do idioma grego.

²³ A palavra patrimônio derivada do latim.

à palavra patrimônio, não temos pressa. Por isso, flexibilizamos nossa linguagem e providenciamos meios para demonstrar a versatilidade e mobilidade de uma poética patrimonial.

A construção dos nossos itinerários

De imediato, podemos nos perguntar de que modo pretendemos buscar a essência do patrimônio. Se nossas percepções sobre a abordagem patrimonial se mantêm corretas, temos de buscar novos meios e formas de interrogar²⁴ pelo originário do patrimônio. Nesse sentido, percorremos o espaço geográfico de São Cristóvão à procura de manifestações do seu patrimônio, reveladas numa cumplicidade do homem com a terra²⁵. Nos esforçamos por apreender acontecimentos elementares da vida dos sancristovenses em comunhão com sua terra e, assim, tentar compreender o papel do patrimônio na construção das ligações concretas e afetivas²⁶ deles com o meio.

A partir da necessidade de compreensão geográfica do mundo²⁷, elaboramos itinerários geográficos numa verdadeira geografia em ato. Geografia que precede a ciência objetiva, que é vontade de explorar e desbravar. Um desejo de atravessar o espaço e penetrar terras desconhecidas²⁸. Desse modo, nossos percursos foram compostos por nossas vivências e imaginações, pelos detalhes e descrições de trajetos²⁹, por conversas formais e informais com pessoas de São Cristóvão, através de imersões em diversas formas de expressões artísticas da cidade.

Por meio, sobretudo, de caminhadas pela cidade, tecemos nossos itinerários fundados na motricidade e na atribuição de valores apreendidos na espacialidade da

²⁴ BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988b.

²⁵ DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ WRIGHT, John K. *Terrae incognitae: the place of the imagination in geography*. **Annals of the Association of American Geographers**. 37 (1), p. 1-15, 1947.

²⁹ ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

existência humana. Um ato de caminhar como anúncio, que suspeita, arrisca, transgride³⁰ e imagina. Trajetórias que falam de São Cristóvão com o sotaque de nossas origens. Que é abertura a um novo universo³¹ e coloca em movimento a possibilidade de conhecimento geográfico³².

Nossos itinerários não foram pré-estabelecidos, não delimitaram um percurso a ser percorrido antes da elaboração textual. Eles surgiram num momento simultâneo de reflexão e transcrição de nossas experiências e devaneios patrimoniais em São Cristóvão. Ao serem construídos pelo devir e pela permuta, eles se distanciaram da forma como são construídos os roteiros turísticos e se aproximaram do modo como são elaboradas as rotas culturais³³. Tais rotas são vias de comunicação – independente dos tipos – caracterizadas pelo intercâmbio e por dinâmicas próprias. São reverberações da transferência de pessoas, ideias, conhecimentos e valores entre pessoas.

Entre caminhos e vias, nossos métodos tornaram-se literalmente os locais dos quais partimos, por onde passamos e com quem compartilhamos. Com o intuito de demonstrar nossos itinerários, elaboramos cartografias dos movimentos experimentados e imaginados. Nelas, são enfatizadas ações e locomoções que criam uma matriz de nossas experiências e histórias em São Cristóvão. Elas contribuem para criar uma apreensão aprofundada³⁴ dos patrimônios nos espaços que atravessamos.

Nessa senda, tentamos ir além das medidas e coordenadas, incluindo trajetos, contextos e significados em nossos mapas. Ao entendê-los como processos, abarcamos o lembrado, o contemplado e o imaginado. Sabemos que os

³⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

³¹ COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Trad. Ida Alves. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

³² MARANDOLA JR., Eduardo. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 11-21, 2017.

³³ CAPEL, Horacio. **Patrimonio: la construcción del pasado y del futuro**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2014.

³⁴ CAQUARD, Sébastien. Cartography I. **Progress in Human Geography**, v. 37, n. 1, p. 135–144, 2013.

mapas são incapazes de apresentar a completude de nossas experiências³⁵ e imaginações. Contudo, eles ajudam a fazer as ligações dos patrimônios que conectam nossos itinerários geográficos. Uma autobiografia gráfica e poética, que não é apenas recordação, é também criação. Sendo assim, contemplamos outras formas de pensar e comunicar os fenômenos revelados ao longo de nossos itinerários, que foram possíveis pelo engajamento, o entrosamento, a incorporação³⁶ de lugares, paisagens e territórios no âmago de nosso ser.

Nos meandros do percurso

Para além da introdução e das palavras finais, a Tese de doutorado foi dividida em três capítulos. No capítulo **Geografia e Patrimônio**, foram apresentados os principais pensamentos acerca do patrimônio, de acordo com duas grandes escolas geográficas: a francesa e a anglo-saxã. Este delineamento possibilitou apreender as principais investigações e abordagens existentes sobre o tema. Os questionamentos expressos foram necessários por se acreditar que as propostas desenvolvidas por outros autores se limitam a formulações já conhecidas e desgastadas, não buscam pelas regiões ainda não mapeadas do patrimônio.

No capítulo **A cidade de São Cristóvão-SE: de capitania a Patrimônio Mundial**, abordamos o processo de fundação de São Cristóvão-SE e os acontecimentos mais relevantes na formação da configuração territorial e patrimonial da cidade. Desse modo, foram traçadas sua evolução histórica e suas principais transformações espaciais, desde o marco representado pela mudança de capital até o seu ressurgimento enquanto Patrimônio da Humanidade pela UNESCO³⁷.

Posteriormente, o capítulo **Por uma poética do patrimônio**, vem arrematar nossa proposta. Nesse sentido, buscou-se pensar o ser poético do patrimônio a partir da criação de quatro itinerários geográficos. O primeiro deles nos conduz entre a atual e a antiga capital, de Aracaju a São Cristóvão. O segundo apresenta locais,

³⁵ SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 69-91.

³⁶ SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 69-91.

³⁷ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

em São Cristóvão, que nos suscitam profundos sentimentos de interioridade e afetividade. O terceiro itinerário geográfico aponta resistências e aberturas que moldam o espaço e o cotidiano na cidade. O último itinerário buscou apreender os limites e conexões que transbordam através das vivências e dos sentidos entre artistas de São Cristóvão e locais específicos da cidade.

A Introdução, assim como o restante da Tese, está terminada e eis a vereda trilhada. Não há mais como retomar. E, entretanto, cada leitura é um recomeço, um recomeço como um ato íntimo. Se as palavras não podem ser reescritas, que o direito de reiniciar seja sentido no espírito e na alma do leitor.

ONTOLOGIA POÉTICA DO PATRIMÔNIO

Compreensões de mundo e de patrimônio petrificadas, não se desfazem durante uma noite, muito menos no decurso do dia. Mas sofrem o intemperismo ao longo de décadas, vão se desgastando e desmanchando. Esperamos que a partir desses resíduos seja possível formar outras compreensões do patrimônio. Tentamos explorar uma dessas vias. A busca pela essência do patrimônio na cidade de São Cristóvão revelou-se para nós um itinerário geográfico e poético.

Em cada esquina que viramos, em cada ladeira que subimos, ao nos aconchegarmos em cantos de praças, ao atravessar paisagens que resistiam e se abriam a nossas ações, ao incorporar territórios que inicialmente não nos pertenciam, o patrimônio sussurrou em nossos ouvidos segredos íntimos.

Se escrever é agradar a poucos, esperamos que a segunda leitura dos descontentes lhes diga mais que a inaugural. Ela pode oferecer maior sentido a nossas intenções do que aos nossos equívocos. Afinal, não há verdade primeira, somente erros primeiros.

Pudemos assumir que no entremear da razão e da imaginação existem reverberações raras e frutíferas para buscar compreender a essência do patrimônio. Atentamos, em particular, para o modo como o debate sobre as abordagens geográficas anglófonas e francófonas do patrimônio e a análise da configuração territorial de São Cristóvão foram imprescindíveis para a apreensão poética do patrimônio. Poderíamos suprimir ou camuflar essas componentes preliminares, mas estaríamos ludibriando os leitores.

Tal ambiguidade ajudou-nos a absorver os ritmos do patrimônio, a pensar uma poética patrimonial que não oferece todo seu arrebatamento quando nos circunscrevemos a defini-lo. Foi necessário senti-lo, declamá-lo, imaginá-lo. Assim, verificamos que era o próprio patrimônio que falava e nós éramos apenas seu locutor. Contribuímos puramente com nossos sotaques, pois a linguagem patrimonial tem acentuações próprias. Acentos que suscitaram rumores encobertos nas profundidades de nosso ser. Sentindo e imaginando São Cristóvão, sem racionalizá-la mentalmente, deixando patrimônios sucederem patrimônios ao longo de nossos itinerários.

Vivemos a superposição de conhecimentos e das diversas formas de expressão do patrimônio. Apossamos-nos do que foi por nós percebido como um estado lírico: apropriadamente poético, oportunamente racional. Assim, nossos

itinerários foram abrigados, preenchidos por condicionantes de sancristovidade e de valorizações.

A associação desses elementos encaminhou-se para dissociar o estabelecimento de categorias prévias, buscando novas possibilidades nas valorizações espaciais. *Anima* e *animus* se entretiveram ao indeferir adesões sedentárias, imutáveis, obsoletas. Descobriram no prazer poético o desfalecer do patrimônio institucional e a elaboração do patrimônio sonhado, patrimônio dos devaneios, que se refugia nos verões sancristovenses, no mundo da Praça da Matriz e da São Francisco, nos encantos criativos do escultor e do caranguejo.

Em São Cristóvão, patrimônios foram revelados enquanto descendentes da vontade e rebentos da imaginação. Imaginação e vontade são interdependentes na criação de patrimônios, assegurando-lhes suas bases e sua sobrevivência. Poesias e prédios, comidas e pinturas, praças e instrumentos, por meio da criação os sancristovenses encontram formas de libertação. Criaturas terrestres que entreveem o interior de outros seres e sonham. O que não sabem fazer realizam pela imaginação.

Se não é possível afirmar que apreendemos a essência do patrimônio, podemos dizer que ela pode ser buscada pela linguagem poética, subjetiva, profunda. Encontrando-se velada entre a vontade e a imaginação, que estão aliadas às fontes da imortalidade humana. Se o ser humano não nasce para morrer, mas para começar, a fonte do patrimônio reside em sua capacidade inexaurível de pensar e agir. Ele é também uma forma de imortalidade que não se interrompe pelas características básicas do ciclo da vida – nascer, crescer, reproduzir e morrer. Ao transcender e liberar o que estava aprisionado, o patrimônio é abertura ao mundo.

Visando a invenção, a criação, o patrimônio manifesta-se como um anseio da condição humana. Em São Cristóvão, o patrimônio não se satisfaz somente com ser, se expressa como uma necessidade do sancristovense em ultrapassar-se. Para além da memória ou do passado, os sancristovenses depositam suas esperanças nas possibilidades futuras, nos elementos que ainda estão por ser criados. Dessa forma, os patrimônios por eles concebidos são excessos de uma fundação vigorosa que transborda para o mundo. Verdadeiras afirmações da existência, da capacidade criadora.

Um patrimônio forjado entre elementos fundamentais: o poeta, a vontade, a imaginação e a matéria; que resultam em obras e ações que permanecem pela

tentativa de revivê-los. Antes de ser uma definição, o patrimônio é uma relação, ou melhor, um conjunto de relações. Ocorre numa localidade específica e carrega consigo todas estas características. Ele ainda pressupõe alguma forma de técnica, ou conjunto de técnicas, que carecem de ser aplicadas e modificadas, seja nos modos de dançar, de esculpir, de pintar, de escrever ou de viver.

Filhos do desejo, apadrinhados por angústias e prazeres, os patrimônios descobertos em São Cristóvão possuem uma áurea epicurista. A partir dessa dialética da criação, na origem, o patrimônio é uma libertação. A cada surgimento, fomos enlevados novamente à vida e aos pensamentos ritmados pelas vozes do chão. Aqui, encontramos meios para suplantarmos o aparato regulador, normalizador e fiscalizador das instituições responsáveis pelo patrimônio “oficial”.

Tombamentos e registros foram os meios encontrados ao longo das últimas décadas para resguardar estes patrimônios. Mas tal engessamento retirou deles um de seus principais elementos, seu caráter dinâmico. Se no momento da institucionalização existia verdade no patrimônio protegido, os impedimentos impostos pela inscrição nas escalas municipais, estaduais, federal ou internacional, acabam por obscurecer o patrimônio em sua essência. Assim como uma folha seca é verdade no outono e mentira na primavera.

Por isso buscamos pelos outonos do patrimônio. Se também caminhassem nesse sentido, as instituições responsáveis pela salvaguarda do patrimônio poderiam direcionar suas ações para auxiliar as pessoas a alcançarem patrimônios próprios, inerentes às suas vidas cotidianas. Converter patrimônios ancestrais em nossos é uma tarefa árdua e descabida. Como reproduzir seus sentidos, seus usos, os sentimentos e devaneios a eles atrelados? Eles são, sem dúvida, grandes referências para as quais podemos sempre nos voltar. Mas se impedem o surgimento de novos patrimônios, qual a sua serventia? Entendidos de modo engessado, não estariam indo contra sua própria natureza?

Ao buscar pela essência do patrimônio, talvez a principal contribuição da Tese seja a de incitar novas reflexões sobre o tema em questão. À medida que cada um consegue responder a uma série de questionamentos simples, porém perspicazes, a poética do patrimônio pode aflorar em qualquer pessoa, quase como uma espécie de maiêutica patrimonial.

Assim, nosso trabalho não teve a intenção de conquistar à força uma nova compreensão do patrimônio. Teve, ao perguntar pelo seu ser, o propósito de indicar

um projeto. Não queremos dominar as diferentes correntes de pensamento sobre o patrimônio, mas conviver com elas, fazê-las dialogar por meio de uma poética patrimonial.

Ao percorrer espaços de São Cristóvão, nossos itinerários se mostraram qualificadores do mundo. Por meio deles apreendemos distâncias, posições, direções, declividades, que se resumidas aos livros acadêmicos não fariam sentido. Do texto ao itinerário, do eu ao nós, do *cogito* ao *cogitamos*. Participamos de uma vida na Terra de modo recíproco. Pelos itinerários geográficos nos ocorre que o ser humano se realiza como tal no contato com o mundo, ao habitá-lo e ao torná-lo habitável. Um diálogo que confronta espíritos e revela dimensões desses guardiões telúricos.

Se a quintessência patrimonial funda-se na imaginação e na vontade, o que proporcionou tal abertura e liberdade foram nossos itinerários geográficos. Trajetos, categorias e conceitos não foram pré-definidos e acolhidos de modo inquestionado. O itinerário geográfico, enquanto orientação, não é um procedimento de verificação, mas uma astúcia de aquisição, um expediente renovado que se interpõe na fronteira entre a experiência e o devaneio.

Nossos itinerários foram colocados antes do método e depois da doutrina. Podem ser adaptados para outras buscas que necessitam ser vivenciadas no movimento, na travessia. Porém não possui uma universalidade ou estabilidade aplicável a qualquer temática. Acreditamos que cada trabalho deva desenvolver seus próprios critérios, seus procedimentos peculiares. Apesar de frutíferos, não confiamos nos itinerários geográficos enquanto prontuário de regras para a solução de obstáculos. A cada relação, a cada situação, a cada região, devem ser elaboradas estratégias heurísticas *sui generis*.

Assim, nossos itinerários são poéticas do instante. Revivendo, aumentando, abrindo novos horizontes antes inimagináveis. Momentos sem antes nem depois, em que tudo no universo expandia. Se o patrimônio realmente possui valores excepcionais universais, para verdadeiramente compreendê-lo, precisamos agregar o extraordinário ao excepcional. Por isso, caminhamos no limite entre a sensação e o devaneio, numa autêntica *philopsychia*⁴⁴⁰, reunindo a beleza da vida

⁴⁴⁰ Amor à vida (ARENDDT, 2016, p. 44)

sancristovense traduzida em cores, sons e palavras. Uma força poética que dá unidade ao patrimônio.

Ao alcançar o seu fim, uma questão que fica por ser respondida é sobre a importância de nosso trabalho para a cidade e as pessoas que nela residem. Apesar das inúmeras tentativas de retribuir as experiências e os conhecimentos conosco compartilhados, as barreiras do meio acadêmico e a falta de recursos se interpuseram e impediram a elaboração de outros conteúdos que não um texto acadêmico. Esperamos que nossas colaborações ambíguas sobre a formação territorial de São Cristóvão e, principalmente, sobre as alegorias poéticas de seu patrimônio, tragam à tona maravilhamentos obscurecidos.

Caro leitor, independente de sua naturalidade, agora podes dizer que carrega uma colmeia patrimonial de São Cristóvão consigo. Depois de percorrer por densos caminhos, essa cidade ressoa em ti, e tuas emoções nela são refletidas. Tendo ou não residido em São Cristóvão, o patrimônio dessa cidade sergipana, a partir de agora, reside em vós.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Benedetti. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ADAMS, Joy. **Going Deutsch: Heritage Tourism and Identity in German Texas**. 2006. 294 f. Tese (doutorado) University of Texas at Austin, Faculty of the Graduate School, Austin. 2006.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Martins, 1934.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Tempo-Arte do Brasil. In: TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. 3ª edição. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2008.
- ALENCAR, Aglaé d'Ávila Fontes de. São Cristóvão: Aspectos Culturais. In: GOVERNO DE SERGIPE. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra- Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2006, p. 123-139.
- ALVES, Francisco José. **Fontes para história de Sergipe Colonial: Séculos XVI – XVIII**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- ALVES FILHO, Ivan. **História dos estados brasileiros**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- ANDRADE, Manuel Correia. **A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.
- ANTONIO, Edna Maria Matos. **A independência do solo que habitamos: autonomia, poder e cultura política na construção do império brasileiro. Sergipe (1750-1831)**. 373 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103096>>. Acesso em: 25 de março de 2015.
- ARAGÃO, Raimundo. **A cidade como evento-espetáculo: reflexões sobre turismo e patrimônio nos festejos de centenário de Juazeiro do Norte/Ceará**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Fortaleza, 2012.
- ARANOVICH, Carmen. Notas sobre urbanización colonial en la América portuguesa. In: SOLANO, Francisco (coord.). **Estudios Sobre La Ciudad Iberoamericana**. 2ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983, p. 383-398.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 12ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Sentir para agir: avaliando uma proposta de educação patrimonial**. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2013.

ASHWORTH, Gregory. From History to Heritage - From Heritage to Identity. In: ASHWORTH, Gregory e LARKHAM, Peter. (eds.) **Building a new heritage** – Tourism, culture and identity in the new Europe. Londres: Routledge, 1994.

ASHWORTH, Gregory. Do tourists destroy the heritage they have come to experience? **Tourism Recreation Research**. V. 34, N. 1, p. 79-83, 2009.

ASHWORTH, Gregory; GRAHAM, Brian; TUNBRIDGE, John. **Pluralising Pasts** – Heritage, Identity and Place in Multicultural Societies. Londres: Pluto Press, 2007.

ASHWORTH, Gregory e LARKHAM, Peter. (eds.) **Building a new heritage** – Tourism, culture and identity in the new Europe. Londres: Routledge, 1994.

ASHWORTH, Gregory e TUNBRIDGE, John. **The touristic-historic city**: retrospect and prospect of managing the heritage city. Londres: Routledge, 2000.

ATKINSON, David. Heritage. In: ATKINSON, D.; JACKSON, P.; SIBLEY, D. e WASHBOURNE, N. **Cultural Geography**: A Critical Dictionary of Key Concepts. Londres: I.B. Tauris, p. 141-150, 2005.

ATKINSON, David. Pensar los espacios de la memoria y la identidad. **Patrimonio y Territorio**. Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, Santiago de Chile, 12-25, 2014.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Tomo I (09). São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, p. 147-162, 1957.

BACHELARD, Gaston. **A Filosofia do não**. Trad. Joaquim José A. Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel. São Paulo: DIFEL, 1985.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988a.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988b.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Trad. Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Trad. Norma Telles. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990a.

BACHELARD, Gaston. **O materialismo racional**. Lisboa: Edições 70, 1990b.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Trad. Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa-PT: Edições 70, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Trad. Paulo Neves. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio Danesi. 3ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A terras e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 4ª ed. São Paulo: Editora Martin Fontes, 2013a.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013b.

BAINBRIDGE, William. **Heritage in the Clouds**: Englishness in the Dolomites. 2014. 574 f. Tese (doutorado) Durham University, Department of Geography, Durham. 2014.

BARBOSA, Elyana e BULCÃO, Marly. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BARLEU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau**. Rio de Janeiro: Edição do Ministério da Educação, 1940.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para o assobio**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016a.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b.

BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. [1946] In: QUEIROZ, M. I. P. (org). **Roger Bastide**. São Paulo: Ática, 1983.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014b.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. IN: CORREA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BOXER, Charles Ralph. **Os Holandeses no Brasil (1624-164)**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961.

BRUNET, R. (ed.) **Les mots de la géographie**. Paris: Reclus-La Documentation française, 1992.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Dossiê Caminhos da história da urbanização no Brasil-Colônia. Introdução. **Anais do Museu Paulista** (Impresso), v. 20, p. 11-40, 2012.

BUVE, Raymond. Mapas neerlandeses do Brasil conquistado 1624-1654 do Arquivo Nacional, da Biblioteca Real e da Universidade de Leiden. In: **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**. Paraty, 2011, p. 1-34.

CAPEL, Horacio. **Patrimonio: la construcción del pasado y del futuro**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2014.

CAQUARD, Sébastien. Cartography I. **Progress in Human Geography**, v. 37, n. 1, p. 135–144, 2013.

CARDOSO, Amâncio. Sergipe no Tempo das Ferrovias: notas históricas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 01, p. 375-391, 2011.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira. **Museu de Arte Sacra de Sergipe**. Aracaju: Fundação Banco do Brasil/Editora J. Andrade, 1991.

CASCUDO. Luís Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Editora Global, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. 2016. 176 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2016

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESÁREO DURO, Fernandez. **Arca de Noé**. Madri, 1881, p. 465-473. Disponível em:< <http://www.liburuklik.euskadi.net/handle/10771/25956>> . Acesso em: 27 de abril de 2016.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP/Estação da Liberdade, 2001.

CRANG, Michael. **The production of spaces for the past: a cultural geography of the heritage industry in England**. 1995. 402 f. Tese (doutorado) University of Bristol, Faculty of Social Sciences, Bristol. 1995.

CREVEL, René. **Mon corps et moi**. Paris: Éditions du Sagittaire, 1925.

CRUZ, Alda. **São Cristóvão que vi e vivi**. Literatura de cordel. Folheto Nº 100. São Cristóvão, 2015.

DAMERY, Claire. **Espace public, patrimoine et milieu affectif: exemples du Marais d'Orx et du Domaine d'Abbadia**. 2008. 501 f. Tese (doutorado) de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour Mention géographie (option aménagement). Institut de Recherche sur les Sociétés et 222 l'aménagement. École Doctorale Sciences Sociales et Humanités. Société, Environnement et Territoire. França, 2008.

DAMICO, Rodrigo Villa Lobos. **Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local de Festejos Populares do Município de São Cristóvão**. 2014. 42 p. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

DANTAS, Beatriz Góis. A Missão Indígena do Geru. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n.28. 1979-1982, p.65-87;

DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria faro Leal. (coord.). **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: UFS/Banese, 1991.

DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica**. 2 ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELSON, Roberta Marx. **Novas Vilas para o Brasil-Colônia**: planejamento espacial e social no século XVIII. Trad. Fernando V. Pinto. Brasília: Ed. ALVA-CIORD, 1997.

DI MÉO, Guy. Patrimoine et territoire: une parenté conceptuelle. **Espaces et Sociétés**, nº78, p. 15-34, 1995.

DI MÉO, Guy. Processus de patrimonialisation et construction des territoires. **Regards sur le patrimoine industriel, Actes du colloque de Poitiers** "Patrimoine et industrie en Poitou-Charentes : connaître pour valoriser", Poitiers-Châtellerault, Geste éditions, p. 87-109, 2008.

DOWLING, Robyn; LLOYD, Kate; SUCHET-PEARSON, Sandra. Qualitative methods 1: Enriching the interview. **Progress in Human Geography**, 2016, V. 40, N. 5, p. 679-686.

DOWLING, Robyn; LLOYD, Kate; SUCHET-PEARSON, Sandra. Qualitative methods II: "More-than-human" methodologies and / in praxis. **Progress in Human Geography**, Agosto 2016, p. 1-9.

DURÁN ROCCA, Luisa. **A CIDADE COLONIAL IBERO-AMERICANA**: A Malha Urbana. 2002. 280 p. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DURÁN ROCCA, Luisa. La malla urbana en la ciudad colonial. **Apuntes** (Pontificia Universidad Javeriana), v. 19, p. 114-127, 2006.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1962.

FALCÃO, Joaquim. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. IN: MICELLI, Sergio. (org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984, p. 24-55.

FENELON, Déa Ribeiro. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In: **Cultura e Memória**: Perspectivas da Administração Pública Brasileira Hoje. Brasília: Cadernos ENAP, vol. 1, n. 2, 1993.

FONSECA, Maria Cecília Lourdes. **O patrimônio em processo**: trajetória política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, IPHAN-MINC, 1997.

FRAGATA, Thiago. Memória da Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão/SE. **Revista do Memorial do Poder Judiciário de Sergipe**, n. 1, p. 1-19, 2011.

FRAGATA, Thiago. **CRONOS ONLINE** – Catálogo Digital da Campanha da Praça São Francisco, de São Cristóvão, a Patrimônio Mundial da Humanidade (2005/2010). São Cristóvão, 2014, CD-ROM.

FRAGATA, Thiago. **São Cristóvão**: poética e xilogravada. Ilustrações Nivaldo Oliveira. Aracaju: Página 5, 2015.

FREIRE, Felisbela. **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes/Governo do Estado de Sergipe, 1977.

GALVÃO JUNIOR, José Lima. Análise da Evolução Morfológica do Espaço Urbano. In: GOVERNO DE SERGIPE. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra- Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2006, p. 77-91.

GODOY, Paulo R. T. A cidade no Brasil – período colonial. **Caminhos da Geografia**. v. 12, n. 38, p. 8-15, 2011.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, v.3, p. 27-46, 2012.

GRAHAM, Brian; ASHWORTH, Gregory; TUNBRIDGE, John. **A Geography of Heritage: Power, Culture and Economy**. Londres: Arnold, 2000.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **A poética d'"O Rio" - ARAGUAIA!** De Cheias...e... Vazantes...(À) Luz da Imaginação!. 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**. V. 4, p. 4-15, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/162>>. Acesso em: 15 de julho 2017

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. **Revista Abordagem Gestáltica – Phenomenologica Studies**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 148-155, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 de julho de 2017.

GRAVARI-BARBAS, Maria. "Le "sang" et le "sol". Le patrimoine, facteur d'appartenance à un territoire urbain". **Géographie et Cultures**, n. 20, p. 55-67, 1996.

GRAVAI-BARBAS, Maria. Politiques patrimoniales locales : quelle marge de manœuvre pour une gouvernance patrimoniale? Le cas d'Angers et du Havre. **Pouvoirs Locaux**, Les nouveaux espaces du patrimoine, n. 63, p. 84-93, 2004.

HARDY, Dennis. Historical Geography and Heritage Studies. **The Royal Geographical Society**. V. 20, N. 4. p. 333-338, 1988.

HARDOY, Jorge E. La cartografía urbana en América Latina durante el periodo colonial. Un análisis de fuentes. In: HARDOY, J.; MORSE, R.; SCHAEDEL, R. (orgs.) **Ensayos histórico-sociales sobre la urbanización en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones SIAP, 1968, p. 19-58.

HARDOY, Jorge E. Sistemas sociopolíticos y urbanización. Una selección de ejemplos históricos y contemporáneos. In: HARDOY, J e SCHAEDEL, R (orgs.) **Las ciudades de América Latina y sus áreas de influencia a través de la historia**. Buenos Aires: Ediciones SIAP, 1975, p. 79-112.

HARDOY, Jorge E. La Forma de Las Ciudades Coloniales en La América Española. In: SOLANO, Francisco (coord.). **Estudios Sobre La Ciudad Iberoamericana**. 2ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983, p. 9-53.

HARVEY, David C. Heritage Pasts and Heritage Presents: temporality, meaning and the scope of heritage studies. **International Journal of Heritage Studies**. Vol. 7, N. 4, p. 319-338, 2001.

HARVEY, David C. A history of heritage. In GRAHAM, B.J. e HOWARD. P. (eds.) **The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity**. Aldershot: Ashgate Publishing, p. 28-56, 2008.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIN, Jane; EVANS, James e JONES, Phil. Mobile Methodologies: Theory, Technology and Practice. **Geography Compass**, V. 2, N. 5, 2008, p.1266–1285.

HERTZOG, Anne. Les géographies et le patrimoine. **EchoGeo**, N. 18, p. 2-7, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 (1936).

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950 a 1990**. 1992, 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Território**, Rio de Janeiro, n.7, p. 67-78, 1999.

HOLZER, Werther. Sobre Territórios e Lugaridades. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 18-29, 2013.

HOWARD, Peter e PINDER, David. Cultural heritage and sustainability in the coastal zone: experiences in south west England. **Journal of Cultural Heritage**. V. 4, p. 57-68, 2003.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

JASPERS, Karl. **Introducción a la Filosofía**. Trad. Miguel Turón Stein. Barcelona: Círculo de Lectores, 1989.

JOSÉ DE CARVALHO, Marcelo. Por uma Ética das Emoções. In: SANT'ANNA, Catarina. (Org.). **Gaston Bachelard**: mestre na arte de criar, pensar, viver. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 105-128.

KAMEL, Ehab. **Decoding Cultural Landscapes**: guiding principles for the management of interpretation in cultural world heritage sites. 2011. 320 f. Tese (doutorado) University of Nottingham, Nottingham. 2011.

KOEFOED, Lasse; CHRISTENSEN, Mathilde; SIMONSEN, Kirsten. Mobile encounters: bus 5A as a cross-cultural meeting place. **Mobilities**, v. 101, June, p. 1–14, 13 jun. 2016.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2ª Ed. Campinas: Editora Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2007.

LOPEZ, Lucrezia. **La imagen de Santiago de Compostela y del camino en Italia**. Una aproximación desde la geografía cultural. 2012. 630 f. Tese (doutorado) Universidade de Santiago. Facultade de Xeografía e Historia. Departamento de Xeografía. 2012.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. IN: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country - revisited**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo; PAULA, Fernanda Cristina de; FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta. **RUA**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 61-78, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 227-247.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geografias do porvir. A fenomenologia como abertura do fazer geográfico. IN: SPOSITO, Eliseu *et al.* **A diversidade da geografia brasileira** : escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, p. 451-466.

MARANDOLA JR., Eduardo. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 11-21, 2017.

MEDEIROS, Ana Paula G. Igreja e religiosidade na urbanização de cidades coloniais nas Américas, nos séculos XVI a XVIII. **Revista Urutágua** (Online), v. 21, p. 57-71, 2010.

MENEZES, A. V. C. **O estado e a organização do espaço semi-árido sergipano: o projeto sertanejo**. Tese de doutorado em Geografia na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, 1998.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. O domínio holandês na Bahia e no Nordeste. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial**, v.1 – Do Descobrimento a Expansão Territorial. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 1972, p. 235-253.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Nova Iorque: Reinhold Publisher, 1956.

MITCHELL, Don. **Cultural Geography: a critical introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

MONNET, Jérôme. O álibi do patrimônio: crise da cidade, gestão urbana e nostalgia do passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**, n. 24, p. 220-228, 1996.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annabule, 2005. 154 p.

MORSE, Richard. Introducción a La Historia Urbana de Hispanoamerica. In: SOLANO, Francisco (coord.). **Estudios Sobre La Ciudad Iberoamericana**. 2ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983, p. 9-53.

MOTA, Carlos Guilherme. Da cidade ibero-americana: temas, problemas, historiografia. **Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP**, v. 18, p. 1-5, 2005.

MOTT, Luís. **Sergipe Del Rey. População, Economia e sociedade**. Aracaju: Secretaria de Estado da educação e cultura, 1986.

NEVE, Mario. Learning from places: steps to a geography of cultural heritage. IN: **Creative Cities and Sustainability**. Szombathely: Savaria University Press, p. 31-57. 2014.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

NOVOA, Andre. Mobile ethnography: emergence, techniques and its importance to geography. **Human Geographies**, 9(1), 2015, p. 97-107.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. 2ª ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006, 350 p.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial II: (1840/1889)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

OLIVA, Terezinha Alves. Estruturas de Poder. In: DINIZ, Diana Maria faro Leal. (coord.). **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: UFS/Banese, 1991.

OLIVEIRA, Livia. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 3-16.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PAIVA, Rita de Cássia Souza. **Gaston Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia**. São Paulo: Annabule, 2005.

PATERSON, Mhairi. **'Set in Stone?' Building a New Geography of the Dry-Stone Wall**. 2015. 287 f. Tese (doutorado) University of Glasgow, School of Geographical and Earth Sciences, Glasgow. 2015.

PERON, Françoise (Org.). **Le patrimoine maritime**. Construire, transmettre, utiliser, symboliser. Les héritages maritimes européens. Rennes: PUR, 2002.

POSSATO, Flávia e CASTRIOTA, Leonardo e O itinerário enquanto instrumento de preservação do patrimônio cultural: O caso da Estrada Real. **Fórum Patrimônio : Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (UFMG)**, v. 5, p. 1-16, 2012.

POTTIER, Aude. **La forêt des Landes de Gascogne comme patrimoine naturel? Echelles, enjeux, valeurs**. Tese (doutorado) de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour. França, 2012.

PRATS FERRET, M.; BAYLINA, M.; ORTIZ GUITART, A. Los lugares de la amistad y la vida cotidiana de chicas y chicos adolescentes en un barrio de Barcelona. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 116-124, 2012.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720)**. São Paulo: Pioneira, 1968.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2000a.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre o livro “Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial”. **Anais do Seminário da História da Cidade e do Urbanismo**, v. 6, n. 3. 2000b.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.) **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, José Honório e RIBEIRO, Joaquim. **Civilização Holandesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940, 168 p.

SACRAMENTO, José. **O campo da fábrica nova**. 1980. Disponível em: <http://museuhsergipe.blogspot.com.br/2014/06/futebol-foi-tema-de-roda-de-leitura.html>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

SANTANA, Marcos Antônio de Azevedo. **São Cristóvão e o Grande Rosa Elze: o desafio da governança de duas cidades num só município**. São Cristóvão, 2 de maio de 2012. Disponível em: <<http://thiagofragata.blogspot.com.br/2012/05/sao-cristovao-e-o-grande-rosa-elze-o.html>>. Acesso em: 29 de junho de 2016.

SANTIAGO, Serafim. **Anuario Christovense ou Cidade de São Christovão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

SANTOS, Ricardo Evaristo. **El Brasil Filipino: 60 años de presencia española en Brasil – 1580-1640**. Madri: Editora MAPFRE, 1993.

SANTOS, Lenalda Andrade e OLIVA, Terezinha Alves. **Para conhecer a História de Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica e Editora Ltda., 1998.

SCHMIDT, Anders Jensen; BEMVENUTI, Carlos; DIELE, Karen. SOBRE A DEFINIÇÃO DA ZONA DE APICUM E SUA IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA PARA POPULAÇÕES DE CARANGUEJO-UÇÁ *Ucides cordatus* (LINNAEUS, 1763). **Boletim Técnico Científico do CEPENE**, v. 19, p. 9-25, 2013.

SCHMITT, Thomas. Global cultural governance: decision-making concerning world heritage between politics and science. **Erdkunde**. V. 63, N. 2, p. 103-121, 2009.

SERRES, Michel. **Atlas**. Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SERRES, Michel. **O terceiro Instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SHELLER, Mimi. e URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**, v. 38, n. 2, 2006, p. 207–226.

SILVA, José Calasans Brandão. Aracaju: contribuição à historia da capital de Sergipe. In: **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: Governo de Sergipe, FUNDESC, 1992.

SILVA, Cleverton Costa. **Rio Paramopama: historia, problemas e soluções**. 2009. Disponível em: <<http://thiagofragata.blogspot.com.br/2009/11/rio-paramopama-historia-problemas-e.html>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

SILVA, José Lucio Batista. **Trabalho (Política) e Diversão nas Fábricas Têxteis de São Cristóvão** (1911-1980). 2009. Disponível em: <<http://thiagofragata.blogspot.com.br/2009/04/projeto-sao-cristovao-conhecendo-nossa.html>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

SILVA, Andrea Costa Romão. O Processo de Formação das Cidades Históricas: o Caso do Centro Histórico de São Cristóvão (SE). In: XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo - XI SHCU, 2010, Vitória. **Anais do XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Vitória, 2010.

SILVEIRA, Luís. **Ensaio de iconografia das cidades portuguesas ultramar**. 4 v. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1951.

SILVEIRA, Junot. **Ontem e Hoje** (Zeca Tenisson). 1988. Disponível em: <http://museuhsergipe.blogspot.com.br/2014/06/futebol-foi-tema-de-roda-de-leitura.html>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

SILVERMAN, Helaine. What's in a name? "A Geography of Heritage" Revisited. **International Journal of Heritage Studies**. Vol. 19, N. 4, p. 388-294, 2013.

SIMAS FILHO, Américo Furtado (coord.). **Plano Urbanístico de São Cristóvão**. Vol. I e II. Salvador: Governos do Estado de Sergipe e da Bahia, 1980.

SINGER, Paul. Campo y ciudad en el contexto histórico iberoamericano. In: HARDOY, Jorge e SCHAEDEL, Richard (org.). **Las ciudades de América Latina y sus áreas de influencia a través de la historia**. Buenos Aires: SIAP, 1975, p. 201-223.

SMITH, Robert C. The arts in Brazil: baroque architecture. In: LIVERMORE, H. V. (ed.). **Portugal and Brazil: an introduction**. Oxford: Clarendon Press, 1953, p. 359-384.

SMITH, Robert C. Colonial towns of Spanish and Portuguese America. **Journal of the Society of Architectural Historians**. Volume XIV, Nº 4, 1956.

SEBRÃO, Sobrinho. **Fragmentos da História de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1972.

SOLANO, Francisco. **NORMAS Y LEYES DE LA CIUDAD HISPANOAMERICANA** (1492-1600). Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1996, p. 211-212.

SOUZA, Josefa; SANTOS, Patrícia; LIMA, Ana Paula; SILVA, Nailson. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: de Faculdades isoladas a expansão (1948-2008). In: **VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - VI CBHE**, 2011, Espírito Santo. VI Congresso Brasileiro de História da Educação - Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação, 2011. p. 1-14.

TEIXEIRA, Manoel C. Os modelos urbanos das cidades portuguesas. In: PESSOTTI, Luciene e RIBEIRO, Nelson (orgs.). **A Construção da Cidade Portuguesa na América**. Rio de Janeiro: PoD, 2011.

TEIXEIRA DA SILVA, Rafael H. A temática do patrimônio nos periódicos eletrônicos de geografia do Brasil. **Ar@cne**. Revista eletrônica de recursos em Internet sobre Geografia y Ciencias Sociales. [En línea. Acceso libre]. Barcelona: Universidad de Barcelona, nº 199, 1 de agosto de 2015. <<http://www.ub.es/geocrit/aracne/aracne-199.pdf>>.

TELLES, Augusto Silva. São Cristóvão: Urbanismo e Arquitetura. In: GOVERNO DE SERGIPE. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra- Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2006, p. 93-105.

THRIFT, Nigel. **Spatial Formations**. Londres: Sage, 1996.

THRIFT, Nigel. The still point: resistance, expressive embodiment and dance. IN: PILE, S. e KEITH, M. (eds.) **Geographies of Resistance**. Londres: Routledge, p. 124-151, 1997.

THRIFT, Nigel. **Non-representational Theory: Space, Politics, Affect**. Londres: Routledge, 2007.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE SERGIPE. **Exposição - Paisagens de Vesta Viana**. [Folheto]. Aracaju: Cerimonial TCE, 2015.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Humanist Geography: An individual's search for meaning**. Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012.

TUNBRIDGE, John e ASHWORTH, Gregory. **Dissonant Heritage: The management of the Past as a Resource in Conflict**. Chichester: Wiley, 1996.

TUNBRIDGE, John; ASHWORTH, Gregory; GRAHAM, Brian. Comments on Comments. **International Journal of Heritage Studies**. V. 19, N. 4, p. 14-16, 2012.

TURK, Catherine. **Managing the Meaning of Tongariro World Heritage Site: Conservation, Culture and Government**. 2005. 156 f. Tese (dissertação de mestrado) University of Edinburgh, Edinburgh. 2005.

UNIVERSIDADE Federal de Sergipe: Uma experiência em marcha de reforma e integração universitária. **Revista Brasil Universitário**: Anais Científicos, São Paulo, ano 27, n. 84, 1972.

VAN MANEN, Max. **Researching Lived Experience**: Human Science for an Action Sensitive Pedagogy. Londres: Althouse Press, 1990.

VAN MANEN, Max. Writing Qualitatively, or the Demands of Writing. **Qualitative Health Research**, v. 16, n. 5, p. 713–722, maio, 2006.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. **A natureza sertaneja das políticas de desenvolvimento – Sertão Sergipano do São Francisco**. Tese de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, 1988.

VARNHAGEN, Francisco. **História Geral do Brasil**: antes de sua separação e independência de Portugal. São Paulo: Melhoramentos, v.1, 1927, p.236.

VESCHAMBRE, Vincent. Patrimoine: Un objet révélateur des évolutions de la géographie et de sa place dans les sciences sociales. **Annales de géographie**, n° 656, p. 361-381, 2007/4.

VESCHAMBRE, Vincent. **Traces et mémoires urbaines, enjeux sociaux de la patrimonialisation et de la démolition**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

VILHENA, Luís dos Santos. **Pensamentos políticos sobre a colônia**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Brasília: Ministério da Justiça, 1987.

WHITEHAND, Jeremy. e GU, Kai. Conserving urban landscape heritage: a geographical approach. **Procedia - Social and Behavioural Sciences**. V. 2, N. 5, p. 6948-6953, 2010.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**. 37 (1), p. 1-15, 1947.

WRIGHT, Antônia Fernanda P. de A. e MELLO, Astrogildo Rodrigues de. O Brasil no período dos Filipes. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial**, v.1 – Do Descobrimiento a Expansão Territorial. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. p.176-189, 1972.

WYLIE, J. Smoothlands: fragments/landscapes/fragments. **Cultural Geographies**. V. 13, N. 3, 2006, p. 458–465.

DOCUMENTOS

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3. Ed. Rio de Janeiro, 2003.

GOVERNO DE SERGIPE. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Anexo I e II. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra- Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2006.

GOVERNO DE SERGIPE. **Proposal for the inscription of São Francisco Square in São Cristóvão/SE, Brazil, in the world heritage list: the establishment of Franciscan monasteries in the Spanish America and Brazil's northeast – comparative analysis**. Anexo III. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra- Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2008.

GOVERNO DE SERGIPE. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial: Formulário UNESCO**. Aracaju: IPHAN, 2009.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume I. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

IBGE. **Sinopse preliminar do Censo Demográfico: Sergipe / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

IPHAN. **Patrimônio naval brasileiro**. Brasília: IPHAN, 2012.

IPHAN. **Educação Patrimonial – Histórico, Conceitos e Processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

IPHAN. **Bens Tombados e Processos de Tombamento em Andamento**, 2016. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_atualizada_11_05_2016.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

UNESCO. **Examination of nomination of natural, mixed and cultural properties to the World Heritage List - São Francisco Square in São Cristóvão (BRAZIL)**, 2008. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/decisions/4026>>. Acesso em: 7 de maio de 2016.

UNESCO. **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD CULTURAL AND NATURAL HERITAGE - Report of the decisions adopted by the World Heritage Committee at its 34th session (Brasília, 2010)**. 3 de Setembro, 2010. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/2010/whc10-34com-20e.pdf>>. Acesso em: 5 de julho de 2016.

SITES CONSULTADOS

<http://whc.unesco.org> – (site consultado ao longo de toda a pesquisa).

<http://www.iphan.org> – (site consultado ao longo de toda a pesquisa).

<http://www.ibge.gov.br> – (site consultado ao longo de toda a pesquisa).

<http://www.cidades.ibge.gov.br>– (site consultado ao longo de toda a pesquisa).

<https://cristoredentoroficial.com.br> (site consultado durante o mês de julho de 2016).

<http://thiagofragata.blogspot.com.br> – (site consultado ao longo de toda a pesquisa).

<http://coisasdesaocristovao.blogspot.com.br> – (site consultado ao longo de toda a pesquisa).